

JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS

# A MÃO DO

# DIABO

*romance*



gradiva

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



## FICÇÃO

A Ilha das Trevas, Temas & Debates, 2002; Gradiva, 2007.

A Filha do Capitão, Gradiva, 2004.

O Codex 632, Gradiva, 2005.

A Fórmula de Deus, Gradiva, 2006.

O Sétimo Selo, Gradiva, 2007.

A Vida Num Sopro, Gradiva, 2008.

Fúria Divina, Gradiva, 2009.

O Anjo Branco, Gradiva, 2010.

O Último Segredo, Gradiva, 2011.

A Mão do Diabo, Gradiva, 2012.

A MÃO DO  
DIABO

romance

*Nós somos o nosso próprio diabo e fazemos deste mundo o nosso inferno.*

- Oscar Wilde

Às minhas três diabinhas, Florbela, Catarina e Inês

Toda a informação histórica, financeira e económica  
incluída neste romance é verdadeira.

## Prólogo

As palmeiras pareciam sentinelas irrequietas ao longo da faixa verde que separava os dois sentidos da marginal, as folhas baluçando animadamente ao vento como se dançassem ao ritmo alegre da cidade no bulício da estação do veraneio. O Sol deitava-se no enfiamento da costa e as lâmpadas brilhavam já nos candeeiros de época que bordejavam a serpenteante Promenade des Anglais, iluminando Nice com o brilho resplandecente de uma tiara de diamantes, os reflexos a cintilarem nas águas inquietas do Mediterrâneo como chamas bamboleantes.

Os turistas iam abandonando em grupos a praia de Neptuno, onde em vez da areia se estendia um tapete de seixos acinzentados sobre os quais se plantavam toldos azuis e se alongavam ainda os banhistas mais teimosos. As pessoas enchiam os passeios no caminho de regresso aos hotéis e aos apartamentos, as conversas descontraídas e as gargalhadas a cruzarem-se pelo ar.

O olhar inquieto do homem louro contrastava com o clima distendido do estio na grande cidade da Côte d'Azur. O homem atirou uma mirada preocupada para trás e estugou o passo ao ponto de quase começar a correr ao longo do passeio largo entre a praia e a marginal, zigzagueando entre os turistas que se lhe atravessavam pelo caminho. Fez-se à estrada num ímpeto e esteve à beira de ser atropelado por um Mercedes negro num sentido e depois por um Aston Martin prateado no sentido contrário, mas conseguiu esgueirar-se entre os automóveis que cruzavam as seis faixas da marginal e, apesar do seu evidente nervosismo, chegou sem mais incidentes ao passeio do lado oposto. A marcha apressada transformou-se em corrida e o homem passou pela porta do Negresco tão perturbado que nem sequer deitou uma espreitadela à magnífica fachada do hotel de esquinas arredondadas e à sua famosa cúpula cor-de-rosa e verde, o edifício tão branco e tão bem trabalhado que parecia uma monumental peça de marfim encaixada na Promenade des Anglais.

A brisa soprava fresca e vinha carregada de odores a mar, a sol, a iodo e a férias, mas tudo isso ele ignorou. Meteu pela rue de Rivoli até apanhar a movimentada rue de la Buffa. Uma tabuleta indicava Centre Ville à direita, para onde virou. Deteve-se diante da porta do primeiro prédio no outro lado da rua, um edifício de cinco andares cinza-claro com as múltiplas varandas protegidas por grades de ferro contorcido em arabescos, a fachada a lembrar a elegância dos blocos da rue de Rivoli parisiense, e espreitou com olhos vigilantes para os dois lados do passeio, como um coelho assustado. A rue de la Buffa era larga e não vislumbrou ninguém suspeito, mas isso não o tranquilizou. Carregou sucessivamente no botão do segundo andar esquerdo, esperando com tal insistência apressar uma resposta.

"Quem é?", perguntou uma voz irritada pelo intercomunicador, obviamente agastada pela obstinação enervada do toque. "Quem está aí?"

"Sou eu, o Hervé. Abre a porta! Depressa!" "Já vai, já vai. Tem calma!"

Com um zumbido e um estalido, a porta da rua destrancou-se e, depois de espreitar de novo em redor para se certificar de que ninguém o seguira, Hervé entrou no edifício. Demasiado impaciente para aguardar o elevador, galgou as escadarias saltando os degraus de dois em dois e só parou quando, já ofegante, chegou ao segundo andar. A porta do apartamento esquerdo estava entreaberta e deparou-se com o amigo a aguardá-lo de braços cruzados.

"Temos de sair daqui", atirou, entrando apressadamente no apartamento. "E o mais depressa possível!..."



O amigo desviara-se para o deixar passar e, enquanto fechava a porta, lançou-lhe um olhar inquisitivo.

"Que se passa?"

O recém-chegado correu até à sala e, afastando ligeiramente a cortina, espreitou para o exterior. O Mediterrâneo era visível da sala, e em particular o enorme paquete que se afastava em direcção à linha do horizonte, proveniente da vizinha Villefranche-sur-Mer, mas Hervé ignorou-o e concentrou-se antes no que se passava na rua lá em baixo.

"Acho que me viram."

A informação arrancou um esgar intrigado ao amigo. "Porque dizes isso?"

Hervé não largou a janela, varrendo a rua em busca de qualquer movimento suspeito que confirmasse os seus receios; precisava de ter a certeza de que não fora seguido.

"Dei com um homem na Prom a tirar fotografias na minha direcção. Quando se apercebeu de que o topei virou-se para o lado e disfarçou."

"Que tipo de homem? Como estava vestido?"

"Era um gajo com calções brancos e um pólo azul do Yacht Club do Mónaco."

O amigo pôs as mãos na ilharga e inclinou a cabeça numa postura de repreensão.

"Ah, meu grande camelo!", exclamou num tom de repreensão paternal. "Andas mais nervoso que uma barata, hem? Zut alors, até um simples turista te põe a tremer de cagufa!" Fez uma careta de escárnio. "Não imaginava que vocês lá em Paris tinham medo dos turistas!..."

O parisiense desprendeu o olhar da cortina e voltou-se para o seu interlocutor.

"Escuta, Éric, o tipo estava a espiar-me!" Éric sorriu sem humor.

"A sério? Um espião de calções e pólo do Yacht Club? Deixa cá ver... seria o zero zero oito? Porque não o Arsène Lupin?" Abanou a cabeça. "Deves estar a gozar comigo..."

"A roupa era um disfarce."

O sorriso do amigo transformou-se numa gargalhada.

"Tu sabes lá o que é um disfarce", exclamou Éric, passando os dedos pelos cabelos grisalhos. "Quando eu era estudante e enfrentei a polícia lá na Sorbonne, em Maio de 68, no tempo dos comunas e da Indochina e da Argélia e daquela loucura toda, aí é que havia espionagem a sério." Fez um gesto displicente para a janela. "O que tu viste, meu caro, não passou de um turista a fotografar a Prom ao anoitecer. Haverá coisa mais normal em Nice? Virou as costas e dirigiu-se ao corredor. "Acho que este caso está a dar-te cabo dos nervos. Anda, vem daí e acalma-te."

Sentindo-se de repente ridículo, Hervé hesitou; talvez o amigo tivesse razão, o caso estava de facto a torná-lo paranóico. "Achas mesmo que era um turista?"

Éric nem olhou para trás.

"Vamos, anda daí", insistiu num tom paternal. "Temos muito trabalho pela frente."

A descontração do parceiro deixou Hervé desconcertado. Momentos antes teria jurado pela saúde dos seus filhos que o homem dos calções o estava a vigiar, mas agora já não se sentia assim tão certo. No fim de contas talvez Éric tivesse razão, o homem dos calções não passava provavelmente de um turista encantado com a Promenade des Anglais, e ele, sentindo-se acossado e nervoso com o trabalho que andavam a fazer, vira uma ameaça onde ela não existia. Que tolo!

Ainda pensou em espreitar uma última vez pela janela, mas concluiu que tudo aquilo era de

facto uma completa idiotice e, vencendo a hesitação, meteu pelo corredor do apartamento e foi no encaicho de Éric; havia realmente muito trabalho pela frente.

Fez mal, porque se tivesse seguido o seu instinto e olhado de novo para a rua provavelmente teria visto o homem dos calções e pólo azul do Yacht Club do Mónaco plantado na esquina a inspeccionar o edifício.

Além disso, o que era igualmente importante, teria percebido que o desconhecido não viera sozinho.

Os ecrãs dos portáteis estavam iluminados e enchiam-se de folhas de cálculo repletas de algarismos. Já estava na hora de jantar, mas Hervé e Éric encontravam-se de tal modo embrenhados na tarefa que tinham em mãos que nem deram pela passagem do tempo nem pelos protestos mudos dos seus estômagos; tudo o que parecia interessar-lhes eram os dígitos que enchiam os painéis dos computadores portáteis.

"Olha para isto", observou Éric, rompendo o mutismo para indicar um dos números registados no ecrã. "Não admira que tenhamos chegado onde chegámos!..."

O parisiense esticou o pescoço para o lado e espreitou o painel do portátil vizinho.

"Típico, hem?"

Voltaram a mergulhar nos números e o silêncio regressou ao apartamento, apenas rasgado pelo zumbido manso dos computadores e pelo ocasional dedilhar nervoso do teclado. O trabalho que estavam a desenvolver, talvez o mais importante em que alguma vez se tinham envolvido na sua vida profissional, requeria minúcia, grande concentração e muito empenho, e mostravam-se determinados a levá-lo até ao fim.

Um ruído metálico.

Hervé e Éric endireitaram as costas e altearam a cabeça, subitamente em alerta. Que barulho era aquele? Ouviram um som indefinido e compreenderam que vinha do corredor. Primeiro com espanto, depois com horror, perceberam que alguém tentava nesse momento inserir uma chave ou um outro objecto metálico, talvez um arame, na fechadura da porta do apartamento.

"Que é isto?"

Puseram-se de pé num salto, atarantados, e hesitaram. Era evidente que alguém tentava entrar no apartamento, mas quem? Pensaram em várias possibilidades mas depressa as puseram de lado. Ninguém sabia que eles se haviam escondido ali para levar a cabo o trabalho. Consequentemente, quem estava nesse instante a tentar abrir a porta, fosse lá quem fosse, não vinha com boas intenções. Que fazer? Deveriam enfrentar os intrusos?

Mas enfrentá-los como? Eles não eram guerreiros nem sabiam lutar, a resistência física parecia-lhes coisa de homens primitivos. Não seria melhor fugir? Deram alguns passos numa direcção e depois noutra, como galinhas tontas, sem saberem como reagir.

O barulho de um metal a rodar no interior da fechadura tornou-se mais forte. Tomando por fim consciência de que não tinham meios nem capacidade para resistir, Hervé desviou a atenção para a cozinha, ao fundo da qual havia uma porta que dava para as escadas de emergência. Agarrou Éric pelo braço e puxou-o com força. "Vamos!", exclamou. "Depressa!"

Correram para a cozinha e abriram a porta do fundo. No momento em que Hervé pôs o pé no degrau da escada metálica escutaram um clique proveniente do corredor e perceberam que a fechadura estava prestes a ceder.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

